

Nesse momento, surge aos poucos uma idéia que os órgãos públicos municipais colocarão em prática no final do ano de 2004.

4.2. Salvador Grafita

O projeto Salvador Grafita teve uma curta gestação. Como foi relatado a mim pela Diretora da CODJU⁶⁰, Jéssica Sinai, em janeiro de 2006, os custos para a recuperação de locais públicos grafitados eram enormes. A pintura reparadora se repetia constantemente porque bastava deixar o muro/monumento novamente com a cor “original” para que se transformasse em principal alvo de novas inscrições. A repressão policial intensificou-se no que foi rapidamente traduzido como mesmo contingente e mais violência. Essa combinação trazia um problema de grandes proporções e impedia o funcionamento da máquina publicitária municipal para vender a imagem pretendida de paraíso alegre, pacífico e carnavalesco.

Partiu inicialmente da própria CODJU a idéia de uma maior aproximação com os grafiteiros para um possível acordo ou algum tipo de conscientização. Já no ano de 2004, essa idéia saiu do papel e teve o pontapé inicial no dia 14 de maio de 2005 numa reunião entre grafiteiros e poderes públicos já relatada no capítulo II do presente trabalho. No evento, a prefeitura, através de seu representante, Sr. Carlos Navarro, lançou a proposta de se profissionalizar os grafiteiros para que eles pudessem por meio de um cadastro, serem terceirizados e, assim, trabalharem com a sua arte para embelezar a cidade.

⁶⁰ Coordenadoria dos direitos da Juventude, órgão que faz parte da SEDES (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social)

A proposta inicialmente pode parecer tentadora. O discurso oficial de “embelezamento” e “profissionalização” encheu os olhos de muitos grafiteiros por suas condições econômicas, pela atividade por eles exercida estar sempre associada à contravenção, pelo elevado custo do material e pela repressão violenta. Mas, ainda nesse evento, algumas vozes dissonantes se fizeram ouvir. Alguns questionavam se, ao fazer um cadastro não se pretendia, em verdade, um mapeamento dos grafiteiros, uma lista para controle. Outros perguntaram se essa profissionalização seria feita utilizando algum aprimoramento artístico através de oficinas. A resposta a essas questões foi que aquele seria o primeiro de muitos encontros e que todas as sugestões seriam devidamente anotadas e estudadas.

No mesmo evento, foi comunicado um concurso a ser realizado no período de 28 de maio a 04 de junho, intitulado “Grafite que te quero verde”. Prefeitura e Superintendência do Meio Ambiente, juntamente com a CODJU aceitariam inscrições de grafiteiros para, em local predeterminado (na cidade baixa) fazerem suas inscrições com material cedido e, assim, concorrerem a uma premiação.

Entre o encontro do dia 14 e o início do concurso no dia 28 do mesmo mês de maio, diversas atividades já programadas tiveram início, como cadastro, reuniões com grafiteiros que, naquele momento, deixavam um maior número de inscrições pela cidade e ocorria o início de uma “catequização” para inculcar a idéia entre os grafiteiros de que essa aproximação seria bastante benéfica para todos. Por um lado, a cidade ficaria mais limpa e bonita. Por outro, os grafiteiros poderiam continuar a fazer o que gostavam sem os custos da compra do material, com salário e sem a repressão policial.

O evento deu prêmios para os primeiros cinco lugares (R\$1.000,00 para os primeiros três lugares e R\$500,00 para o quarto e quinto lugares, cada um) além do prêmio de honra ao mérito ao grafiteiro Pinel.

Pinel havia sido considerado o grande “problema” em termos de inscrições na cidade. Sua assinatura se fazia presente em inúmeros monumentos, muros e fachadas da cidade. A velocidade e o número de seus grafites transformaram-no em alvo da prefeitura. Considerado pelos poderes públicos como o maior pichador da cidade até 2004, suas inscrições monocromáticas, reduzidas à sua *tag*, eram permanentemente ligadas ao vandalismo e acabavam atraindo mais grafiteiros às ruas pela popularidade conferida ao seu nome. A participação de Pinel no projeto significou uma importante aquisição para a causa da cooptação adotada pela prefeitura.

O Projeto Salvador Grafita começou oficialmente nesse evento. O cadastro foi feito através da procura dos próprios grafiteiros, atraídos pela proposta de terem seus serviços terceirizados pela prefeitura, carteira assinada, salário e equipamento doado.

Com a aproximação de outro órgão, a Limpurb assume a direção do projeto, tendo à frente o seu diretor, o Sr. Edvandro Tucunaré. A CODJU continuaria fazendo a intermediação junto aos grafiteiros.

Segundo a própria Jéssica Sinai, “a idéia é impedir a pichação, não o graffiti”. Quando perguntei a diferença entre as duas expressões, a resposta foi: “a diferença está no fato do graffiti ter plasticidade” e a população é quem decidia isso. Mas, em momento algum, soube responder quais critérios faziam uma inscrição ter mais plasticidade que outra ou de que maneira a população opinava sobre isso, nem como eram aferidas essas opiniões. Porém, mais uma vez, durante a conversa, revelou que os grafites mais artísticos são “os que chegam mais à população e isso acontece mais facilmente através do uso de cores”.

No projeto Salvador Grafita, os grafiteiros são divididos em grupos ou equipes, por região (de acordo com a moradia) e devem realizar seus trabalhos em áreas

previamente cedidas pela prefeitura, com material doado e obrigatoriamente pintam a marca da prefeitura no local.



Figura 55. Marca grafitada da Prefeitura. Av. Otávio Mangabeira, Pituba

Atraídos pelo salário e pela condição de “profissionais” com carteira assinada, muitos grafiteiros estão atualmente inscritos, mas em realidade não há rotatividade nesse método. Quem está no projeto desde o início e se comprometeu com ele, está até hoje. Outros tantos, desejosos de participar, deixam seus nomes numa enorme lista de espera.

Um grande número de jovens, tentados pelas condições propostas pelo projeto, se inscreveram e estão atuando na cidade, mas, de fato, não têm ainda domínio da técnica e desconhecem noções básicas de desenho, o que resulta em conglomerados de imagens de baixa qualidade e frases enaltecedoras e ou acolhedoras, relacionadas ao turismo na cidade. É o caso do paredão de tapumes que atualmente reveste o antigo